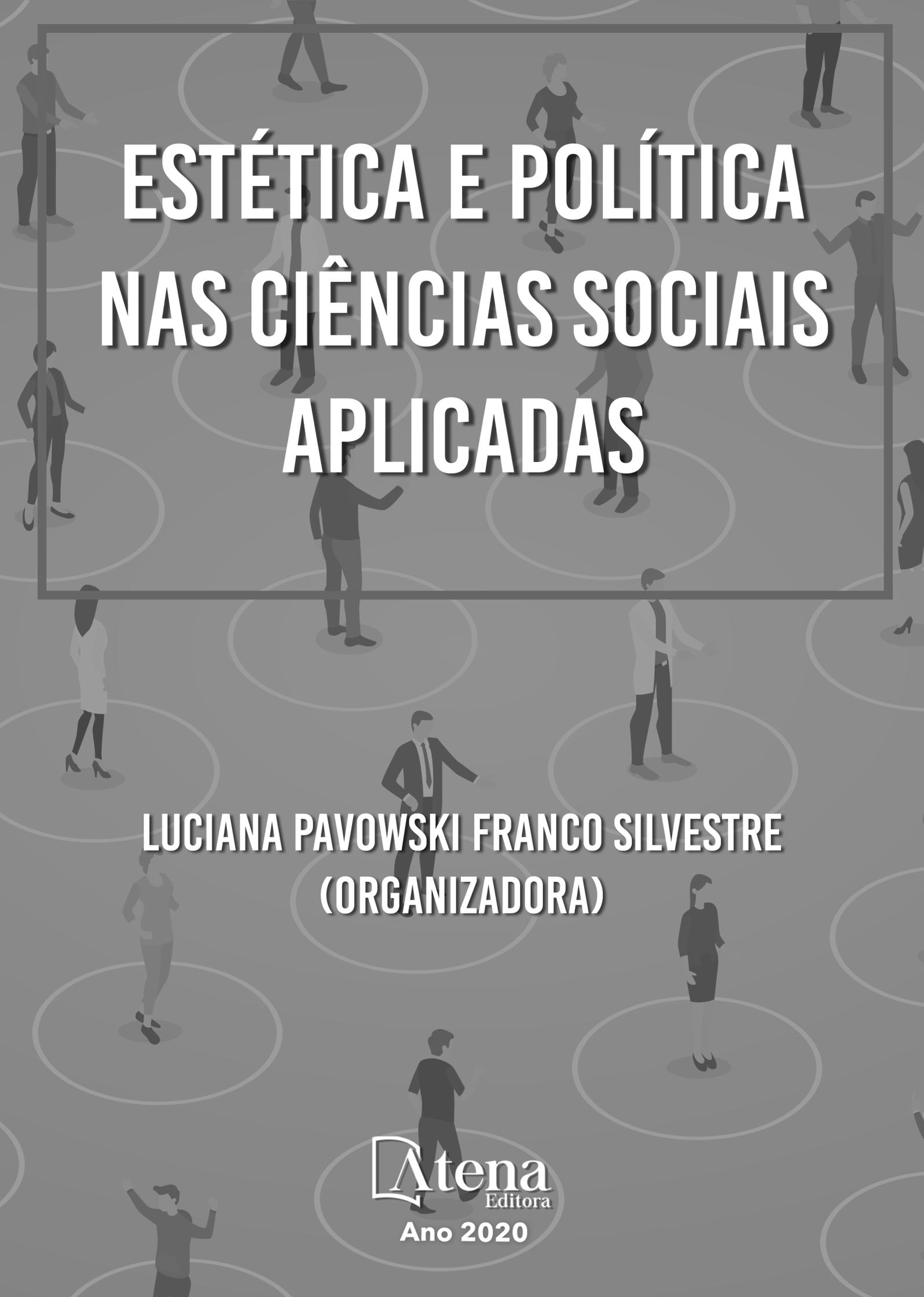
The background features a repeating pattern of stylized human figures in various poses, each standing on a light-colored circular base. The figures are rendered in a flat, illustrative style with muted colors. A large, dark green rectangular frame is superimposed over the upper portion of the cover, containing the main title.

ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

Atena
Editora
Ano 2020

The background of the cover features a repeating pattern of stylized human figures in various poses, each standing on a light-colored circular base. The figures are rendered in shades of gray and white, creating a sense of a diverse group of people. A large, dark gray rectangular frame is superimposed over the upper portion of the cover, containing the main title.

ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Estética e política nas ciências sociais aplicadas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Batista
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E79 Estética e política nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-212-8

DOI 10.22533/at.ed.128202707

1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta através do e-book “Estética e Política nas Ciências Sociais Aplicadas” vinte e quatro artigos com pesquisas que contribuem para a identificação, análise e reflexão sobre as relações existentes entre os aspectos territoriais, produção industrial e desenvolvimento tecnológico com as formas de vida em sociedade, permitindo a identificação dos impactos causados nesta.

Através das pesquisas em que se aborda o território, é possível identificar uma amplitude de relações estabelecidas com fatores como processos migratórios, barreiras, fronteiras, políticas indigenistas, violência pobreza e cidadania.

A tecnologia aparece como objeto de estudo para análise de crimes transfronteiriços e processos de gestão pública, identificando-se as possibilidades de processamento de informações e tomadas de decisão.

Otimização e competitividade aparecem como elementos centrais nas pesquisas voltadas para os processos industriais e produção de mercado. A partir de metodologias que envolvem consumidores e gestores enquanto sujeitos do processo de pesquisa, estas estabelecem relações também com os aspectos territoriais e tecnológicos, identificando-se a interdisciplinaridade entre as pesquisas que compõem o e-book que se apresenta.

Esperamos que o e-book possa contribuir com o compartilhamento das pesquisas realizadas, fortalecimento da ciência como instrumento de democratização do conhecimento, bem como, que favoreça a realização de novos estudos e desvelamento da realidade.

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A “GRANDE CORUMBÁ” E OS DESAFIOS DOS CRIMES TRANSFRONTEIRIÇOS EM FACE DAS NOVAS FERRAMENTAS VIRTUAIS	
Manix Gonçalves dos Santos Marcos Sérgio Tiaen Luiz Gonzaga da Silva Junior	
DOI 10.22533/at.ed.1282027071	
CAPÍTULO 2	15
A CONSTRUÇÃO DO IDEÁRIO NACIONAL NO BRASIL: IMIGRANTES ALEMÃES E ESCOLARIZAÇÃO NO SUL DO BRASIL	
Samuelli Cristine Fernandes Heidemann Regina Coeli Machado e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1282027072	
CAPÍTULO 3	27
BARREIRAS NA PAISAGEM DA CIDADE : A AVENIDA FARRAPOS E O QUARTO DISTRITO	
Simone Back Prochnow Silvio Belmonte de Abreu Filho	
DOI 10.22533/at.ed.1282027073	
CAPÍTULO 4	41
ATIVIDADE PESQUEIRA NOS RIOS TOCANTINS E ARAGUAIA A PARTIR DA COMPARAÇÃO DA PESCA EM DUAS COLONIAS DE PESCADORES NO ESTADO DO TOCANTINS	
Lilyan Rosmery Luizaga de Monteiro Adolfo da Silva-Melo	
DOI 10.22533/at.ed.1282027074	
CAPÍTULO 5	54
GUERRA DE BAIXA INTENSIDADE E SUA DIMENSÃO ADMINISTRATIVA: REGIME TUTELAR E A POLÍTICA INDIGENISTA BRASILEIRA EXPLÍCITAS NOS RELATÓRIOS FIGUEIREDO E COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE	
Ramiro Esdras Carneiro Batista Daniel da Silva Miranda Izaionara Cosmea Jadjesky	
DOI 10.22533/at.ed.1282027075	
CAPÍTULO 6	65
O AUMENTO NO NÚMERO DE HOMICÍDIOS EM ALTAMIRA COMO A MATERIALIZAÇÃO DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DA USINA HIDRELÉTRICA DE BELO MONTE	
Márcio Teixeira Bittencourt Germana Menescal Bittencourt Gilberto de Miranda Rocha Peter Mann de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.1282027076	
CAPÍTULO 7	76
O MEDO SOCIAL DA VIOLÊNCIA EM RAZÃO DA TRAVESSIA DA FRONTEIRA ENTRE OS BAIRROS JARDIM IRACEMA E PADRE ANDRADE	
Adriana Carvalho de Sena	

Cristiane Porfírio de Oliveira do Rio

DOI 10.22533/at.ed.1282027077

CAPÍTULO 8 82

OBRIGATORIEDADE DE CONEXÃO SIMULTÂNEA ÀS REDES DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA E ESGOTAMENTO SANITÁRIO

Claiton Barbosa

Agnes Bordoni Gattai

DOI 10.22533/at.ed.1282027078

CAPÍTULO 9 90

REPRESENTATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES RURAIS EM GOIÁS: ESTUDO SOBRE OS TERRITÓRIOS RURAIS E DE CIDADANIA DE GOIÁS

Mateus Carlos Baptista

Divina Aparecida Leonel Lunas

DOI 10.22533/at.ed.1282027079

CAPÍTULO 10 98

POBREZA: PERCEPÇÕES ESTÉTICAS, POLÍTICAS, RELIGIOSAS E ECONÔMICAS DO SER E TER

Eliseu Riscaroli

DOI 10.22533/at.ed.12820270710

CAPÍTULO 11 115

PRIORIZAÇÃO DE LOCAIS DE COLETA PARA ISOLAMENTO DE BACILLUS ANTHRACIS NA ANTÁRTICA POR PROCESSO DE ANÁLISE HIERÁRQUICA

Luiz Octávio Gavião

Adriana Marcos Vivoni

DOI 10.22533/at.ed.12820270711

CAPÍTULO 12 131

BENEFÍCIOS SOCIAIS NA PLATAFORMA GOVDATA: O USO DA CORRELAÇÃO DE DADOS COMO CRITÉRIO DE TOMADA DE DECISÃO NO SETOR PÚBLICO

Francisca Alana Araújo Aragão

Pablo Severiano Benevides

DOI 10.22533/at.ed.12820270712

CAPÍTULO 13 141

DISPOSITIVO DE PROCESSAMENTOS DE DADOS: PLACA MICROCONTROLADORA THOMPSON

João Paulo Pereira dos Santos

Michell Thompson Ferreira Santiago

DOI 10.22533/at.ed.12820270713

CAPÍTULO 14 151

IMPLEMENTAÇÃO DE LEAN SIX SIGMA PARA MELHORIA DE PROCESSOS: UM ESTUDO DE CASO EM UMA EMPRESA DE TELECOMUNICAÇÕES

Carlos Navarro Fontanillas

Eduardo Picanço Cruz

DOI 10.22533/at.ed.12820270714

CAPÍTULO 15	167
INDÚSTRIA 4.0 E MANUFATURA ADITIVA: UM ESTUDO DE CASO COM OS CONSUMIDORES DE CALÇADOS PRODUZIDOS NAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS DE JUAZEIRO DO NORTE	
José de Figueiredo Belém Célio Monteiro Santos José Eduardo de Carvalho Lima Murilo Barros Alves Josiano Cesar de Sousa Mirim Borchard	
DOI 10.22533/at.ed.12820270715	
CAPÍTULO 16	178
PROCESSO MANUAL DE RASTREABILIDADE DE PRODUTOS UHT EM UMA INDÚSTRIA DOS CAMPOS GERAIS	
Loren Caroline Domingues de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.12820270716	
CAPÍTULO 17	184
SISTEMA JAPONÊS DE PRODUÇÃO COMO UM FATOR DE VANTAGEM COMPETITIVA: DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO JAPÃO NO PÓS-GUERRA	
Jéssica Pereira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.12820270717	
CAPÍTULO 18	196
SUCESSÃO FAMILIAR: OS DESAFIOS AO LONGO DAS GERAÇÕES	
Adriano Pereira Arão Lucilia Notaroberto Sabrina Pereira Uliana Pianzoli Mônica de Oliveira Costa Farana de Oliveira Mariano Alex Santiago Leite Dyego Penna Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.12820270718	
CAPÍTULO 19	206
BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE PESQUISA NA ÁREA DA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA	
Maria Aparecida de Souza Melo Bruna Moraes de Melo Patrícia Lima	
DOI 10.22533/at.ed.12820270719	
CAPÍTULO 20	215
CORPOREIDADE E IDENTIDADE RACIAL DE PROFESSORAS NEGRAS: O SER E O SABER NA PRODUÇÃO DA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS	
Michele Lopes da Silva Alves Carmem Lúcia Eiterer Luiz Alberto Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.12820270720	

CAPÍTULO 21	228
CROWDFUNDING: UMA ANÁLISE DO FINANCIAMENTO COLETIVO NO BRASIL	
Letícia Moraes Silveira	
Melissa Dotto Brusius	
Fernanda Silveira Roncato	
DOI 10.22533/at.ed.12820270721	
CAPÍTULO 22	241
O CONCEITO DE SECULARIZAÇÃO E A TEORIA SOCIOLÓGICA: MAX WEBER E AS ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS	
Jordana de Moraes Neves	
Rafael de Oliveira Wachholz	
DOI 10.22533/at.ed.12820270722	
CAPÍTULO 23	251
RELIGIÃO, ESFERA PÚBLICA E O PROBLEMA POLÍTICO: UMA CONTRIBUIÇÃO HABERMASIANA	
Edson Elias Moraes	
José Geraldo Alberto Bertoncini Poker	
DOI 10.22533/at.ed.12820270723	
CAPÍTULO 24	276
RENDA BÁSICA COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO EMPREGO EXPLORATÓRIO	
Jônatas Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.12820270724	
SOBRE A ORGANIZADORA	289
ÍNDICE REMISSIVO	290

SISTEMA JAPONÊS DE PRODUÇÃO COMO UM FATOR DE VANTAGEM COMPETITIVA: DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DO JAPÃO NO PÓS-GUERRA

Data de aceite: 01/07/2020

Data de submissão: 26/03/2020

Jéssica Pereira Soares

Universidade Estadual de Montes Claros –
Unimontes

Montes Claros – MG

<http://lattes.cnpq.br/7822232135372858>

RESUMO: O artigo discute sobre o Sistema Japonês de Produção como um fator de vantagem competitiva, abordando sobre as teorias de competitividade e a necessidade de aprimoramento por parte das empresas a fim de estarem preparadas para atuar de forma estratégica nos mercados, agregando valor ao produto das suas nações. Este estudo também aborda de forma sucinta um breve histórico das principais teorias organizacionais, a fim de demonstrar as origens dos demais modelos de produção que surgiram nas últimas décadas. Este trabalho apresenta os principais conceitos e características do SJP, utilizando como modelo o Sistema Toyota de Produção, que foi a principal origem influenciadora para início da utilização de técnicas de Just in Time, aprendizagem, melhoria de processos e redução de custos nas demais empresas japonesas, e procura mostrar

a evolução do Japão no aspecto industrial e econômico no período pós-guerra a fim de discutir sobre a relevância deste sistema para os resultados produtivos do Japão.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema Japonês de Produção, competitividade, indústria.

JAPANESE PRODUCTION SYSTEM AS
A COMPETITIVE ADVANTAGE FACTOR:
INDUSTRIAL DEVELOPMENT OF JAPAN IN
THE POST WAR

ABSTRACT: The article discusses the Japanese Production System as a factor of competitive advantage, addressing theories of competitiveness and the need for improvement on the part of companies in order to be prepared to act strategically in the markets, adding value to the product of their nations. This study also briefly discusses a brief history of the main organizational theories in order to demonstrate the origins of the other production models that have emerged in recent decades. This study presents the main concepts and characteristics of the SJP, using as a model the Toyota Production System, which was the main influencing source for the beginning of the use of Just in Time techniques, learning, process improvement and cost reduction in

other Japanese companies, and seeks to show the evolution of Japan in the industrial and economic aspect in the postwar period in order to discuss the relevance of this system to the productive results of Japan.

KEYWORDS: Japanese System of Production, competitiveness, industry.

1 | INTRODUÇÃO

As organizações estão a meio caminho de uma revolução, uma vez que a competição da era industrial está se transformando a cada dia. Durante a era industrial que se iniciou no século XIX, o sucesso das organizações era determinado basicamente pelas oportunidades de ganhos de economias de escala e de escopo, e eram consideradas como bem sucedidas as organizações que incorporavam tecnologias aos ativos físicos, permitindo a produção em massa eficiente de produtos padronizados. GHEMAWAT (2000) destaca que durante este período, as organizações não produziram muito em termos de pensamento ou comportamento estratégico, uma vez que nenhuma delas tinha poder para influenciar os resultados do mercado de forma significativa. As organizações da era industrial não eram totalmente integradas, e mantinham clientes e fornecedores a uma distância segura. As fronteiras entre os países também eram empecilho para desenvolvimento de novos mercados.

Após os efeitos da crise de oferta na década de 30, e impactos da segunda guerra mundial sobre as organizações, passou-se a focalizar de forma mais efetiva na obtenção de vantagens competitivas. Uma das principais mudanças ocorridas em algumas organizações após este período foi o início da utilização do Modelo Toyota de Produção, que iniciou no Japão após a década de 50, e logo após estimulou as demais empresas japonesas a utilizarem este sistema, o que originou o estabelecimento de um Sistema Japonês de Produção.

Grande parte das características do modelo Japonês de produção são originadas do modelo da Toyota, e devido a isto este trabalho abordará com mais detalhes na descrição deste sistema, uma vez que é considerado a base para o Sistema Japonês de Produção. Uma das principais características do Sistema Toyota são os princípios de eliminação do desperdício e fabricação com qualidade. O princípio de eliminação de desperdícios era aplicado à fábrica, constitui a produção enxuta, que consiste em fabricar com o máximo de economia de recursos. MONDEN (2015) pontua que o princípio para fabricação com qualidade objetiva produzir sem defeitos, que é também é uma forma eficaz de eliminar desperdícios. Além destes, também há um terceiro princípio que é essencial para o funcionamento do sistema, que é o comprometimento e envolvimento dos funcionários, que trabalham em conjunto com a fabricação com qualidade e eliminação dos desperdícios. O principal foco deste sistema é o controle da superprodução, assegurando que todos os processos redundem em produtos de acordo com o ritmo de vendas no mercado.

De acordo com MONDEN (2015) o sistema Toyota integra e alcança diferentes objetivos (Como controle da qualidade, garantia da qualidade e respeito à condição humana), enquanto procura alcançar sua meta final de redução de custos. Melhorias representam um fator fundamental do sistema Toyota, onde cada trabalhador tem a oportunidade de fazer sugestões e propor melhorias garantindo o aspecto de respeito à condição humana, ao garantir que o trabalhador participe do processo de produção. Em adição, MONDEN (2015) afirma que o STP é singular e revolucionário, portanto, ao implementar este sistema fora do Japão, é preciso que sejam considerados de forma especial os aspectos relacionados a mão de obra e gerência, e relações internacionais.

Modelos capazes de proporcionar aprimoramento de técnicas e redução de custos passaram a ser fundamentais no último século. O advento de uma nova era industrial começou a surgir nas últimas décadas do século XX, e tornou obsoletas muitas das premissas fundamentais da concorrência industrial. Esta nova era é chamada por KAPLAN e NORTON (1997) de era da informação, em que as organizações não conseguem mais obter vantagens competitivas sustentáveis apenas com a rápida alocação de novas tecnologias a ativos físicos. A era da informação requer novas habilidades para garantir o sucesso competitivo, como a capacidade de mobilização e exploração de ativos intangíveis.

De acordo com ROTHER (2010) a vantagem competitiva não está necessariamente nas soluções em si - como técnicas de produção enxuta ou lucratividade maior em um produto específico - mas na capacidade de entender as condições e criar soluções convenientes e inteligentes. Muitas organizações ainda estão administrando seus negócios com base em métodos e modelos que surgiram nas primeiras décadas do século XX, e neste caso é importante questionar se estes modelos ainda são importantes para promover vantagem competitiva nos mercados dinâmicos atuais.

Para ROTHER (2010) a capacidade de melhorias contínuas e incrementais representa talvez a maior garantia de vantagem competitiva duradoura e de sobrevivência das organizações. Desta forma, visto que os mercados estão cada vez mais competitivos e as organizações precisam construir estratégias para obter negócios sustentáveis e lucrativos, este estudo procura entender de que forma a aplicação das técnicas do SJP pode promover o desenvolvimento do setor industrial, e melhorar a competitividade de um país, e como este sistema tem ajudado no crescimento da indústria Japonesa, identificando demais variáveis que, para o mesmo período, possam ter contribuído para o bom desempenho industrial do Japão pós-guerra.

Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico das teorias de competitividade, indústria e Sistema Toyota de produção, e levantamento da evolução de alguns indicadores da economia japonesa, bem como analisadas as características do perfil industrial Japonês. Esta pesquisa possui característica exploratória, de análise combinada de análises qualitativa e quantitativa, com foco na análise das características industriais e indicadores econômicos do Japão para o período mencionado. Neste contexto, o principal

objetivo deste estudo é abordar sobre a competitividade nos mercados, e aprofundar no uso do Sistema Japonês de Produção a fim de discutir sobre a relevância deste modelo como um fator para promover o crescimento da indústria.

2 | REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Vantagem Competitiva

A estratégia competitiva é a busca de uma posição favorável no mercado, visando estabelecer um cenário lucrativo e sustentável em meio à concorrência entre as organizações. De acordo com PORTER (1991) duas questões centrais baseiam a escolha da estratégia competitiva: A atratividade das indústrias e os fatores que a determinam em longo prazo, e os determinantes da posição competitiva relativa dentro de cada indústria. A atratividade é baseada na capacidade da indústria de maximizar o retorno de investimentos no longo prazo, mantendo-se atenta às cinco forças competitivas: Ameaças de novos entrantes potenciais, ameaças de produtos ou serviços substitutos, poder de negociação dos compradores e fornecedores, e rivalidade entre empresas existentes. Estas cinco forças determinam a rentabilidade da indústria, pois influenciam os preços, custos e investimento necessário das empresas em uma indústria.

A vantagem competitiva tem sua origem nas diversas atividades distintas que a empresa executa, e surge do valor que uma organização consegue criar para seus clientes, que é superior ao custo de fabricação. O valor é aquilo que os clientes estão dispostos a pagar. PORTER (1991) afirma que as inter-relações entre unidades empresariais são os principais meios pelos quais uma empresa diversificada cria valor, e conseqüentemente, fornece as bases para a estratégia empresarial.

Uma empresa possui vantagem competitiva quando executa atividades relevantes ao seu negócio de forma mais barata ou melhor que os concorrentes, e estas atividades que agregam valor ao produto ou serviço introduzem o conceito de cadeia de valor. Segundo PORTER (1991) o fator gerador da vantagem competitiva provém da habilidade de coordenação e administração dos elos entre as atividades e das próprias atividades individuais. Os elos criam uma oportunidade para a redução do custo total das atividades ligadas, fornecendo uma fonte potencialmente forte de vantagem de custo devido à exigência de coordenação e otimização conjunta de atividades ao longo dos limites organizacionais. Na existência de elos entre atividades da cadeia de valores, modificar a forma como uma delas é feita pode reduzir o custo total de várias atividades da cadeia de valores, gerando benefícios de reduções de custo amplificadas.

2.2 Teorias da Indústria

As primeiras ideias a respeito do comportamento das indústrias surgiram em meados

do século XVII, por meio dos denominados “fisiocratas”, cujo representante principal foi François Quesnay. Segundo KON (1999), As ideias de Quesnay ainda não consideravam como relevantes no contexto econômico as unidades de produção, mas valorizavam as atividades econômicas ao reduzirem as categorias de cidadãos de uma nação a três classes: A produtiva, composta pelos que cultivavam a terra, a dos proprietários possuidores de terras, e a estéril, composta por cidadãos ocupados em trabalhos e serviços não agrícolas. Esta visão se mostra contra o mercantilismo, que considerava de suma importância o comércio e a indústria.

Antes da revolução industrial, a produção se fazia em geral de forma doméstica, ou em oficinas de dimensões reduzidas. De acordo com KUPFER & HASENCLEVER (2002), as primeiras empresas industriais que surgiram no século XIX foram empresas familiares ou sociedades simples, não separando a responsabilidade do patrimônio familiar dos compromissos assumidos pelas empresas. No início do século XIX, juntamente com a revolução industrial, desenvolveu-se paralelamente a ideologia do liberalismo clássico e do capitalismo. KON (1999) relata que as ideias liberais eram baseadas nos fundamentos da doutrina do *laissez-faire*, onde o governo assumiria exclusivamente as funções que apoiassem as atividades lucrativas, sendo a interferência do governo considerada proibida para os demais assuntos econômicos.

As transformações ocorridas neste período conseqüentemente trouxeram a divisão do trabalho social, entre o campo e as atividades de manufatura e terciárias, e relacionamentos setoriais mais dinâmicos. Neste contexto, KON (1999) cita teorias que surgiram a partir da abordagem clássica, a fim de esclarecer os tipos de mercados. Uma delas é a de concorrência perfeita, que é concebida como um grande número de empresas, que individualmente não exercem influência significativa no preço, sendo estes determinados pelo mercado através da relação entre oferta e procura. A outra é o monopólio, definido como uma situação em que há apenas um produtor em um mercado bem definido, onde não existem rivais ou concorrentes diretos, sendo este sistema de mercado totalmente oposto ao de concorrência perfeita.

FLEURY (2011) faz um breve resumo histórico da evolução da teoria das organizações. No mesmo século das ideias fisiocratas, Adam Smith apresenta ideias de divisão do trabalho, e em seguida surge o Taylorismo e a visão de desperdício nas atividades produtivas. Já o Fordismo surge com ideias mais estratégicas, que buscavam o ajuste ótimo entre as demandas mecânicas do trabalho e os requisitos físicos do trabalhador, para que não houvesse qualquer desperdício de energia. Em seguida surge a abordagem sociotécnica do trabalho, que surgiu com a decisão histórica da Volvo de organizar uma nova fábrica de automóveis por meio desta abordagem, que possui raízes nos países europeus, e implica a busca de uma solução ótima numa visão de sistema integrado.

Teorias neoclássicas e marginalistas sobre o comportamento das firmas foram desenvolvidas a partir de 1970, principalmente por Menger, Jevons, Walras, Pareto e

Marshall, que adicionaram aos estudos dos clássicos alguns outros elementos do comportamento da firma, com relação às decisões de produção.

No início da década de 1980, a literatura de Economia Industrial evoluiu, principalmente ao enfatizar o fato de que os custos de entrada e saída influenciam a eficiência e o desempenho de uma indústria. KUPFER e HASENCLEVER (2002) abordam que a decisão de entrada de uma empresa em uma indústria pode estar associada com inovação tecnológica e cooperação entre empresas, sendo que estes fatores possuem dois aspectos importantes para a área de estratégia e inovação: a coordenação vertical de atividades, que se trata de uma estratégia de escolha de uma certa coordenação entre diferentes tipos de empresas da cadeia produtiva, em oposição ao sistema de trocas do mercado. Esta estratégia é considerada muito importante no estímulo à inovação, pois causam poucos efeitos indesejáveis de monopólios espúrios.

FLEURY (2011) também destaca a abordagem japonesa, que nasceu de uma evolução da prática da produção nas indústrias japonesas, num gradual e consistente processo de aprendizagem, que se inspira no modelo Taylorista/Fordista, mas que prioriza a diminuição de níveis hierárquicos, e a reaproximação das relações entre as atividades dentro da empresa. É abordado que nas empresas japonesas, o uso e o desenvolvimento de conhecimentos são fortemente objetivados e associados à estratégia competitiva da empresa através da organização das chamadas Atividades de Pequenos Grupos. A orientação japonesa é para o contínuo melhoramento com o envolvimento de todos, inclusive gerentes e operários.

O caso paradigmático na montagem do modelo japonês é o da Toyota, cuja evolução desbancou três grandes concorrentes americanas, e tornou-se conhecido como Sistema Toyota de Produção. Segundo FLEURY (2011), há um consenso de que a Toyota é influente na forma japonesa de trabalhar, apesar de haver algumas diferenças. A concepção mais abrangente em termos de organização industrial no Japão é o CWQC (Controle de Qualidade em toda a empresa), que coloca muita ênfase em programas de produtividade e qualidade, ferramentas PDCA (Planejar, fazer, checar e executar). Como esta metodologia possui muitos aspectos de melhoria contínua e padronização e teve influência do Sistema Toyota de Produção, é de suma importância a abordagem do STP, a fim de identificar as principais características e influência sobre as organizações japonesas.

2.3 Sistema Toyota de Produção

O Sistema Toyota de Produção teve início no Japão após a década de 50, sendo suas principais características os princípios de eliminação do desperdício e fabricação com qualidade. A partir desta data, a Toyota passou a considerar que seria perigoso imitar cegamente o sistema Ford (minimização do custo unitário médio com a produção de grandes quantidades) e começou a implementar melhorias para reduzir os tempos de

preparação na produção criando o “fluxo unitário de peças” que acabou se tornando um dos conceitos importantes do sistema. O STP foi desenvolvido e promovido pela Toyota Motor Corporation e passou a ser adotado por muitas companhias japonesas como consequência da crise do petróleo em 1973. Mesmo em períodos de baixo crescimento, a Toyota conseguiu manter-se lucrativa com a diminuição de custos através de um sistema de produção que eliminava completamente o excesso de estoque e de pessoal. O STP tem suas bases nas teorias de Taylor (gestão científica) e Ford (linha de montagem em massa).

A principal característica do sistema Toyota de produção é reduzir os custos (de fabricação, vendas, administrativos e de capital) por meio da eliminação do desperdício. De acordo com MONDEN (2015) quatro tipos de desperdício podem ser encontrados nas operações de manufaturas:

- Excesso de recursos de produção;
- Superprodução;
- Excesso de estoque;
- Investimento desnecessário de capital.

Quando estes elementos possuem quantidades maiores que o necessário, isto somente aumenta o desembolso monetário, não adicionando valor algum. Além disso, recursos de produção excessivos acarretam em superprodução, que conseqüentemente gera estoques excessivos. Estoques desnecessários geram custos de transporte e armazenagem supérfluos, e os empregos relacionados a estas atividades podem acabar tornando a superprodução ainda mais invisível. Em adição a estes impactos, MONDEN (2015) demonstra que é importante clarificar que todas as quatro fontes de desperdício listadas também podem gerar elevação dos custos administrativos, custos com materiais diretos, mão de obra direta e indireta, e os custos operacionais como depreciação e outros. MONDEN (2015) destaca que apesar de a redução de custos ser o objetivo principal do sistema, o STP precisa primeiramente cumprir com três outras submetas: Controle da qualidade, garantia da qualidade e respeito à condição humana. Uma premissa básica do STP é que o objetivo principal não pode ser alcançado sem a realização das submetas, e vice-versa.

Um fluxo contínuo de produção seja por meio da companhia ou da cadeia de suprimentos ou adaptações devido a mudanças na demanda, é obtido através de dois conceitos-chave que são os pilares do STP: *Just in time* e *autonomação*. *Just in Time* (JIT) significa produzir as unidades necessárias nas quantidades necessárias, dentro do tempo esperado. Já o conceito de *autonomação* é o controle autônomo de defeitos, que apoia o JIT ao jamais permitir que unidades defeituosas sejam produzidas e prejudiquem os processos seguintes. Conforme MONDEN (2015) para colocar em prática estes dois conceitos, o STP estabeleceu como métodos: Sistema *Kanban*, método de sincronização

da produção, redução dos tempos de preparação, padronização das operações, *Layout* das máquinas, atividades de melhoria, sistemas de controle visual, e sistema de administração funcional. Devido às teorias sobre cada método serem significativamente extensas, o objetivo é explorá-las durante a pesquisa, sendo agora somente citados os métodos principais do STP.

O objetivo final do STP é aumentar a eficiência das organizações em termos de retornos de investimentos, ou seja, aumento dos lucros ou fluxos de caixas operacionais através da redução dos custos obtida com a eliminação de desperdícios, como o excesso de estoques ou de trabalhadores. Para obter a redução de custos, a produção precisa se adaptar de forma ágil e flexível às mudanças na demanda, sem gerar tempos ociosos.

Embora o STP tenha obtido um grande sucesso ao reduzir lucros e reduzir desperdícios em muitas organizações, o sucesso nem sempre é garantido. POUND, BELL e SPEARMAN (2015) apontam que a maioria dos projetos de produção enxuta não atendem os resultados esperados, e destacam que este resultado acontece principalmente devido a eventos *kaizen* (projetos de melhoria) que são empreendidos por muitas empresas, e o fato de as empresas aplicarem a produção enxuta sem conhecimento do sistema, apenas copiando o modelo de *benchmark* da Toyota, sem levar em consideração outros aspectos. ROTHER (2010) também destaca que as organizações estão observando as práticas atuais visíveis da Toyota, classificando-as em listas de elementos e princípios, e tentando adota-las. O autor considera este movimento como engenharia reversa, que não tem funcionado bem, pois caracteriza as seguintes falhas:

- Os aspectos críticos da Toyota não são visíveis;
- A engenharia reversa não torna uma organização adaptável e em melhoria contínua;
- O fato de a engenharia reversa colocar as organizações no modo de implementação.

De acordo com ROTHER (2010), embora as organizações tenham sido inclinadas a acreditar que as técnicas de produção, como a produção em células de fabricação e o *kanban* ou alguns princípios especiais sejam a fonte da vantagem competitiva da Toyota, os fatores mais importantes que fazem o sucesso desta organização são a qualificação e as ações de todas as pessoas que nela trabalha, sendo uma questão de comportamento humano.

Diante os suportes teóricos expostos, percebe-se a necessidade de aprofundamento da pesquisa, uma vez que foram apresentados aspectos positivos que o método tem gerado para os resultados da Toyota, mas paralelamente existem teorias que revelam ausência de indicadores positivos em outras organizações que implementaram o STP, o que gera questionamentos sobre a efetividade do modelo como um fator de vantagens competitivas, sendo necessário entender melhor como foi o cenário da economia japonesa no pós-guerra, a fim de identificar demais variáveis que podem ter influenciado a evolução

industrial do Japão neste período.

3 | ESTUDO DO SETOR INDUSTRIAL JAPONÊS NO PERÍODO PÓS-GUERRA

Após a Segunda Guerra Mundial foi necessário reconstruir a indústria Japonesa, partindo de uma base transfigurada pelo esforço de guerra. Porém o Japão surpreendeu e evoluiu com maior rapidez que outros países, e na década de 70 emergiu como uma nova potência industrial com padrão de organização distinto dos países líderes, trazendo inovação em várias frentes.

FLEURY (2011) relata que aos poucos as demais organizações passaram a utilizar o “Modelo Japonês de Organização”, sendo o foco na aprendizagem e qualidade na cultura organizacional japonesa oriundo do Sistema Toyota de Produção, como técnicas *Just in time*, redução de custos através de redução de desperdícios, e técnicas de controle de qualidade americanos, porém adaptados. O modelo das empresas japonesas possui coordenação de unidades de forma horizontal, que proporciona uma dinâmica de aprendizagem mais rápida. Porém não é possível afirmar que o sucesso da indústria japonesa foi fruto somente da visão e competência dos japoneses. Fleury também destaca que acontecimentos na época influenciaram no resultado, como a intervenção direta e radical das forças de ocupação, com aplicação de leis antitrustes e programas para desenvolver pequenas e médias empresas, cuja estratégia foi invertida com a eclosão da Guerra da Coreia, onde os americanos passaram a depender de uma base industrial no Japão para sustentar o esforço de guerra.

Neste cenário surge o MITI (Ministério do Comércio Internacional e da Indústria), que passou a exercer o papel de condutor do processo de re-industrialização. FLEURY (2011) relata que o MITI também era responsável por transferência tecnológica através de acordos de licenciamento, mantendo um controle severo nos casos de transferências, e ajudando a equilibrar as condições de competição interna. O fato de a economia japonesa ser de grande mobilidade de capitais também contribuiu, pois permite rápido reposicionamento estratégico da indústria japonesa como um todo, em face das modificações no cenário internacional.

Após 1965, com a possibilidade de que as liberalizações das políticas de comércio exterior gerassem um alto volume de exportações, o MITI buscou concentrar a produção industrial com fusões e aquisições, e criar reservas para produtos e mercados estratégicos. De acordo com FLEURY (2011), a partir de 1960, a estratégia competitiva das empresas japonesas passou a incorporar inovações tecnológicas, sendo a crise do petróleo de 1973 um fator importante para estimular as potencialidades de inovações.

Para demonstrar estes resultados positivos do Japão para este período, é válido analisar os indicadores econômicos. No gráfico 01 são apresentados alguns indicadores do Japão, dentre eles o PIB, que manteve crescimento elevado de 1955 a 1976, mas

na sequência sofre uma grande queda. Com relação ao indicador de formação bruta de capital fixo, principal indicador do aspecto industrial da economia, é possível identificar taxas elevadas durante todo o período da segunda metade do século XX, que mostra como um conjunto de aspectos ocorridos no período, como as políticas governamentais para o desenvolvimento da indústria, mudança de cultura organizacional por meio do Sistema Japonês de Produção, e demais fatores ambientais da economia japonesa, juntos, contribuíram para este resultado.

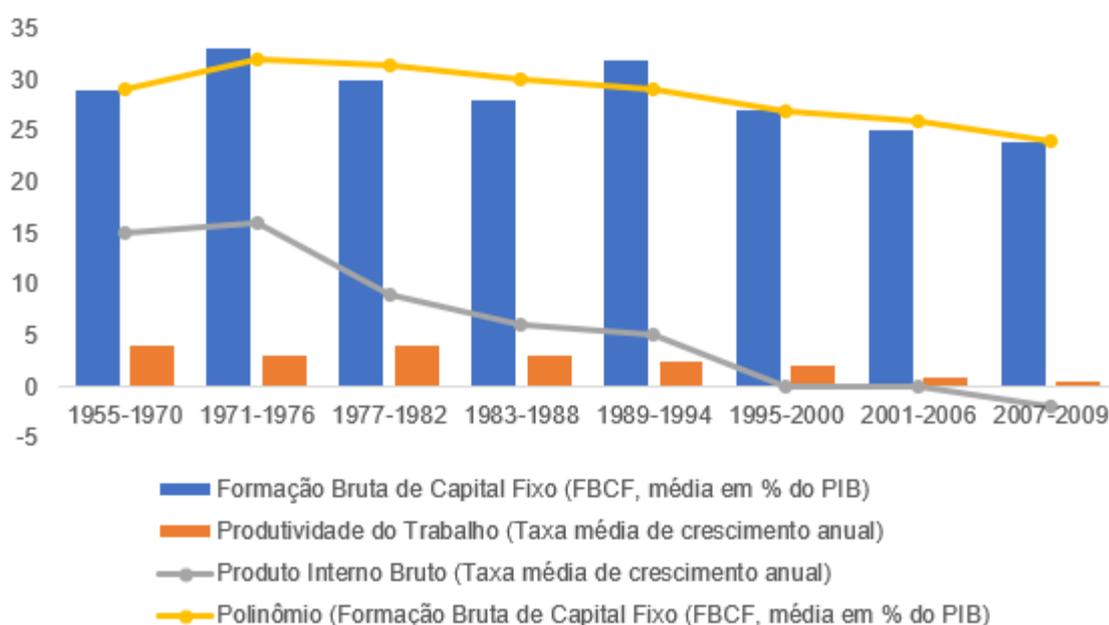


Gráfico 01: Economia Japonesa de 1955 a 2009.

Fonte: FMI (OECD)

A partir de 1995 ocorre redução da formação bruta de capital fixo e do PIB devido ao colapso de bolhas especulativas, causado principalmente por fatores como a desregulamentação do sistema financeiro ocorrida na década de 1980 e o acordo de Plaza em 1985, cujo objetivo era a intervenção nos mercados cambiais de forma a baixar o dólar americano para reduzir o déficit comercial dos Estados Unidos. Além destes, questões de conduta de política monetária também contribuíram para este cenário de crise financeira no Japão, provocando alterações também na relação entre o setor bancário e empresarial.

Neste cenário o governo japonês atuou com medidas de garantias de crédito, investimento público e apoio à pequenas e médias empresas, além de medidas sociais relacionadas à seguridade e assistência à idosos, mudando significativamente as características das políticas públicas, comparadas às políticas exercidas nas primeiras décadas após o período das guerras. Estas medidas governamentais não foram suficientes para a economia japonesa se reestabelecer rapidamente, devido à fragilidade do sistema privado com os problemas financeiros nas relações setor bancário x setor empresarial, gerando um significativo período de recessão.

4 | CONCLUSÃO

A indústria japonesa mostrou desenvolvimento de maneira sistêmica, com integração entre o governo, empresas e demais organizações, e mostrou disciplina na execução dos processos no período pós 1950. O pensamento estratégico auxiliou na escolha do modelo organizacional e na formação de capacitações. Na segunda metade do século XX, as empresas japonesas alcançaram tamanha vantagem competitiva, e definiram condições indispensáveis para a transferência internacional por meio de inovação de processos por aprimoramento, e inovação de produtos por meio de pesquisas e desenvolvimento. Esta inovação iniciou-se com a Toyota, com o Sistema Toyota de Produção, que depois se difundiu para as demais empresas japonesas, criando o Sistema Japonês de Produção.

Entende-se que a ação das instituições governamentais no período pós-guerra induzia e reforçava a necessidade de aprendizagem tecnológica ao nível das empresas produtoras, e a relação entre governo e empresas privilegiava a dimensão estratégica, onde o planejamento setorial com a efetiva coordenação e articulação público-privada foram fundamentais para as análises estratégicas de longo prazo.

As empresas japonesas passaram a ser menos hierarquizadas no modo de coordenação de atividades e a cooperação ajuda a intensificar o processo de transferência de aprendizagem e conhecimento. Com isso, percebe-se que o sucesso industrial e competitivo de uma nação não está ligado unicamente ao modelo utilizado, mas sim a utilização do modelo que mais se adequa e atenda às condições ambientais, sociais, culturais e políticas de cada país, sendo que o governo é possuidor de um papel fundamental para estimular a inovação e aprendizagem na economia, estabelecendo políticas que maximizem os potenciais e reduzam os riscos e ameaças à nação.

De acordo com as informações relatadas neste estudo, o período de mudanças organizacionais nas empresas japonesas, como o uso do Sistema Toyota de Produção, e maior foco na aprendizagem e inovação de processos e produtos, coincidiram com um período de grandes esforços do governo japonês para o desenvolvimento da indústria. Ao longo dos anos esta cultura de produção foi se estabelecendo como um sistema forte de foco na qualidade, redução de desperdícios e custos nas empresas japonesas, porém percebe-se que somente este modelo não é capaz de garantir o sucesso da competitividade da indústria japonesa, visto que questões de crises financeiras que surgiram em meados da década de 1990 afetaram drasticamente não somente o setor industrial, mas a economia japonesa como um todo.

Como sugestão para trabalhos futuros, recomenda-se o estudo do desenvolvimento industrial setorial no Japão, a fim de identificar se há setores cujos aspectos ambientais e políticos foram menos impactantes, e ao mesmo tempo, analisar setores cuja implementação do Sistema Japonês de Produção ocorreu de maneira mais significativa, de forma a tentar identificar uma relação entre a melhoria dos indicadores industriais e

o estabelecimento do Sistema Japonês de Produção, visto que, pelas características do modelo em sí, pode-se implementar técnicas de trabalho que reduzam custos e aumentem a competitividade das empresas, bem como do setor industrial como um todo.

REFERÊNCIAS

GHEMAWAT, P. *A estratégia e o cenário dos negócios*. Porto Alegre: Bookman, 2000.

KAPLAN, R. S.; NORTON, D. P. *A Estratégia em Ação: Balanced Scorecard*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

KUPFER, D; KASENCLEVER, L. *Economia Industrial: Fundamentos teóricos e práticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

KON, A. *Economia Industrial*. São Paulo: Nobel, 1999.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. *World Economic Outlook Database*. Disponível em: <<http://www.imf.org/external>>.

MONDEN, Y. *Sistema Toyota de produção: Uma abordagem integrada ao Just-in-time*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

POUND, E. S; BELL, J. H; MARK, L. S. *A ciência da fábrica para gestores: Como os líderes melhoram o desempenho em um mundo pós Lean Seis Sigma*. Porto Alegre, Bookman, 2015.

PORTER, M. E. *Vantagem Competitiva: Criando e sustentando um desempenho superior*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

ROTHER, M. *Toyota kata: Gerenciando pessoas para melhoria, adaptabilidade e resultados excepcionais*. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SORDI, J. S. *Gestão por Processos: Uma abordagem da moderna administração*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

FLEURY, A; FLEURY M. T. L. *Aprendizagem e Inovação organizacional: as experiências de Japão, Coréia e Brasil*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arduíno 141, 142, 143, 144, 145, 150

B

Bacia Hidrográfica 41, 44, 52, 53

Bacillus Anthracis 115, 116, 118, 129, 130

Big Data 131, 132, 134, 135, 136, 139, 140

C

Capitalismo 47, 105, 108, 138, 140, 188, 220, 226, 250, 255, 261, 265, 266, 276, 277, 278, 279, 288

Competitividade 156, 179, 184, 186, 187, 194, 195, 280

Conflitos Ambientais 66

Corporeidade 78, 79, 215, 217, 218, 219, 222, 223, 224, 225

Crowdfunding 228, 229, 230, 231, 232, 239, 240

Custo de Focalização 276, 283, 284, 285

E

Economia Criativa 228

Eficiência na Produtividade 167, 169

Eletrônica Embarcada 141

Empresa Familiar 196, 198, 205

Escala de Avaliação 207

Esfera Pública 244, 245, 249, 250, 251, 253, 254, 256, 258, 261, 263, 264, 266, 267, 268, 272, 274

Espaço Rural 90

Estética 2, 36, 99, 113, 223, 224, 225, 226

F

Filosofia 24, 98, 99, 113, 155, 156, 246, 258, 260

Financiamento no Brasil 228

Fontes de Recursos 228

Fronteira 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 61, 63, 76, 77, 80, 240

G

Gerações 196, 198, 200, 204, 280, 282, 286

GovData 131, 132, 133, 134, 135, 137, 139

Governamentalidade Algorítmica 131

Guerra 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 115, 118, 130, 155, 184, 185, 186, 191, 192, 194, 262, 270

H

Hidrelétricas 66, 67, 70, 74

Homicídios 65, 66, 68, 71, 72, 73

I

Identidade Racial 215, 220, 222

Imigrantes 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 31

Indústria 4.0. Manufatura Aditiva 167, 291

J

Jürgen Habermas 251, 254, 274, 275, 291

L

Lean Six Sigma 151, 152, 291

Logística 45, 171, 173, 178, 291

M

Modernidade 15, 16, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 30, 40, 220, 227, 241, 242, 243, 245, 248, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 266, 267, 268, 269, 274, 291

N

Nacionalização 15, 18, 19, 22, 23, 26

Notificação Compulsória de Doenças 207, 291

P

Paisagem Urbana 28, 39, 291

Participação Política 90, 273, 291

Pedagogia Antirracista 215, 217, 219, 222, 223, 224, 225, 291

Pescadores Artesanais 41, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 53, 291

Placa Microcontroladora 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149, 150, 291

Pobreza 77, 81, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 277, 282, 283, 291

Polícia Civil 1, 2, 6, 11, 13, 291

Produtividade 41, 43, 45, 50, 93, 166, 167, 168, 169, 170, 189, 291

R

Racionalidade Neoliberal 131, 291

Rastreabilidade 178, 179, 180, 181, 182

Redes 14, 49, 50, 53, 82, 83, 84, 85, 88, 97, 122, 142, 144, 149, 150, 271

Religião 99, 100, 101, 104, 105, 112, 114, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 268, 269, 272, 273, 274, 275

Renda Básica Incondicional 276, 279, 280, 281, 282, 285, 286, 287

S

Secularização 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 266, 268, 270, 271, 272

Sistema Japonês de Produção 184, 185, 187, 193, 194, 195

T

Tecnologia 108, 112, 133, 134, 136, 144, 149, 160, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 178, 202, 235, 238, 285

Teoria Contemporânea 241

Teoria Sociológica 241, 250

Território 9, 10, 11, 13, 37, 55, 56, 60, 63, 66, 71, 81, 101, 128, 213

V

Vigilância em Saúde 207, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 291

Violência 8, 11, 24, 49, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 65, 68, 71, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 108, 112, 220, 222, 234, 270, 291

Vitalidade Urbana 28, 33, 34, 291

W

Whatsapp 1, 2, 3, 8, 291

ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2020